



P O L D R A
PUBLIC SCULPTURE PROJECT VISEU

Kit de Visita

Circuito Anotado...
e acompanhado de citações

WWW.POLDRA.COM



Apresentação do projeto

O POLDRA – Public Sculpture Project Viseu – é uma iniciativa nascida no ano de 2018, ao abrigo do programa municipal “Viseu Cultura”.

A sua ambição consiste no desenvolvimento de propostas contemporâneas de arte pública (ou arte em espaço público), com particular enfoque para a vertente escultórica, partindo-se sempre do pressuposto que as obras finais sejam criadas ou adaptadas para espaços selecionados da cidade de Viseu.

Contando com a colaboração de artistas, nacionais e estrangeiros, este projeto procura captar o interesse de um público vasto e heterogéneo, enquanto transforma o espaço urbano numa verdadeira galeria de arte construída a céu aberto!

Para além de incentivar a criação artística, o POLDRA está igualmente empenhado em promover momentos de diálogo e reflexão, em torno da temática base e do próprio projeto e seus resultados. Ao mesmo tempo, assumiu o compromisso de elaborar e disponibilizar online um conjunto de kits de visita, isto é, pequenos guias informativos que todos podem utilizar (independentemente do seu nível de conhecimento ou faixa etária) no momento em que decidirem visitar este percurso de escultura pública.



Curiosidade...

O nome POLDRA remete-nos para as pedras que antigamente se colocavam no leito de pequenos rios para servirem de passagem às populações, formando uma espécie de ponte. De forma aberta e assumida, este projeto pretende ser isso mesmo: uma ponte! Uma ponte entre geografias distintas (Viseu e o Mundo), entre artistas e a população, entre a herança histórica e a nova linguagem artística contemporânea. Uma ponte que todos estão convidados a percorrer!

Uma visita ao Fontelo

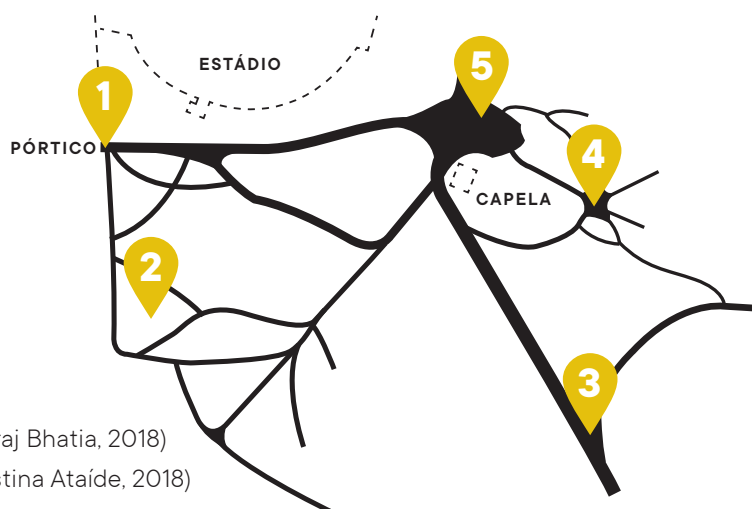
A primeira edição do POLDRA conta com três intervenções artísticas, inseridas - e inspiradas - num dos espaços mais emblemáticos da cidade de Viseu: a Mata do Fontelo.

A escolha do Fontelo não resultou de um processo aleatório. Dotado de um passado histórico riquíssimo (do qual subsistem ainda inúmeros vestígios patrimoniais) e enquadrado por um cenário natural de incomparável beleza (onde não faltam as mais diversificadas espécies animais e vegetais), este parque municipal afigura-se como escolha óbvia para qualquer projeto de âmbito cultural e artístico. Além disso, oferece condições muito favoráveis à realização de visitas de estudo, de passeios em família e de piqueniques com amigos... proporcionando assim a todos os visitantes a hipótese de beneficiarem com uma experiência lúdica e educativa, tão original quanto estimulante.

Embora a maioria dos viseenses esteja familiarizada com o parque do Fontelo, a verdade é que este espaço centenário guarda um conjunto de memórias e segredos que importa partilhar. O projeto POLDRA assume, desta forma, mais uma importante valência: utilizar a Arte como motivo e pretexto para que a população local (re)descubra a sua cidade e conheça a sua História.

Como forma de garantir que esta aventura pelo Fontelo seja o mais agradável e enriquecedora possível, decidimos elaborar e partilhar este kit, contendo algumas sugestões simples e as informações que consideramos essenciais. Não resistimos também a incluir algumas curiosidades, acerca dos monumentos, das figuras históricas e dos momentos-chave que marcaram o passado e o presente deste incrível lugar.

O percurso que aqui indicamos tem uma distância aproximada de apenas 700 m e a sua realização a pé implica um nível de dificuldade baixo. O tempo estimado para a visita é de 30 minutos.



1. Fontelo: oito séculos de História
2. POLDRA: *14.000 Newtons*. (Pedro Pires, 2018)
3. POLDRA: *Jardim das Cenas Emolduradas* (Neeraj Bhatia, 2018)
4. POLDRA: *Por favor, segue Linha Vermelha* (Cristina Ataíde, 2018)
5. Fontelo: o triunfo da Natureza

Ponto 1. Fontelo: oito séculos de História

As mais antigas referências documentais até hoje descobertas sobre o sítio do Fontelo pertencem a manuscritos medievais do século XII. Em tão recuada data, foi possível determinar que o bispo viseense D. Odório adquiriu, em nome da diocese, uma quinta de consideráveis dimensões conhecida pelo nome de “Fontanello”. Desde então, e durante muitas centúrias, essa zona do arrabalde da cidade ficou na posse do clero e serviu de residência (ou, pelo menos, de local de repouso e recreio) a inúmeros prelados de Viseu.

Para conhecermos um pouco melhor a extraordinária história do Fontelo e do antigo Paço episcopal, partilhamos um pequeno texto do capitão Almeida Moreira (ilustre militar, professor, autarca viseense e primeiro diretor do Museu Grão Vasco), publicado na década de 1930:

In MOREIRA, Francisco de Almeida - *Imagens de Viseu*. Porto, Tip. Porto Médico, 1937, p. 23 a 26 (adaptado)

«... ao Paço de Fontêlo está ligado o nome de alguns dos mais notáveis bispos de Viseu, que ali viveram e morreram (...)

Os bispos que maior interesse mostraram por Fontêlo, quer fazendo-lhe obras, quer adquirindo terras para ampliar a quinta e a mata, foram: D. João Homem e D. Garcia de Menezes, no séc. XV; e o Cardial D. Miguel da Silva e D. Gonçalo Pinheiro, no séc. XVI.

- D. João Homem (1392-1426), foi quem iniciou as obras do Paço que, naturalmente, até essa data seria uma modesta habitação, tendo também adquirido terras para ampliação da quinta.

- D. Garcia de Menezes, seu sucessor (1426-1430), continuou essas obras e fundou a capela junto do Paço, cuja invocação era Santa Marta.

- Mais tarde o erudito bispo D. Miguel da Silva (1527-1547), formado em Roma a expensas de D. Manuel, de quem era afilhado, volta a sua atenção para Fontêlo e manda erigir na mata a Capela do Senhor Morto, tendo também adquirido mais terras [e planeado os famosos jardins].

- A seguir, o Bispo D. Gonçalo Pinheiro (1553-1566), outro erudito humanista e formado em teologia pela universidade de Salamanca, que também tem o seu nome ilustre ligado a obras feitas na Catedral de Viseu, edificou na mata de Fontêlo a capela de S. Jerónimo, que oferece a curiosidade de ter uma inscrição em grego na guarnição do portal, e mandou fazer o pórtico da entrada da actual carreira, que dá acesso ao Paço (...)
Em 1810, por ocasião da invasão francesa do comando de Massêna, o edifício do Colégio [Paço dos Três Escalões], já então residência dos bispos, foi ocupado pelas tropas inglesas que ali instalaram o seu hospital de sangue, voltando o Fontêlo, desde então, a ser novamente e definitivamente a residência dos prelados viseenses. (...)

Já depois de implantada a República - deixando de ser residência dos bispos para se transformar em presídio militar, nêle esteve prisioneiro, durante alguns meses do ano de 1917, para responder em conselho de guerra, o malogrado comandante Machado dos Santos.»

Entre os historiadores atuais parecem não restar dúvidas de que o 2º quartel do século XVI correspondeu a um dos períodos de maior vitalidade e esplendor do Fontelo, graças ao empenho e à genialidade do bispo D. Miguel da Silva. Homem culto e viajado, ele havia tido a oportunidade de viver e estudar em grandes cidades - como Paris e Roma - o que lhe permitiu conhecer e interiorizar as inovações estéticas e culturais do Renascimento europeu.

Quando, após a sua nomeação para ocupar a cátedra da diocese, D. Miguel da Silva se muda para a modesta urbe de Viseu, fez questão de

se fazer acompanhar por um brilhante arquiteto italiano (de seu nome Francesco de Cremona) e de dar início à implementação de ambiciosos projetos artístico-arquitetónicos. Para além de ter ordenado a construção do claustro da Sé, este prelado haveria de dedicar também o seu tempo e atenção ao engrandecimento do Paço do Fontelo, ficando aqui a sua ação sobretudo marcada pela conceção de exuberantes jardins, capazes de rivalizar com aqueles que decoravam os palácios italianos.

Embora hoje nos seja difícil imaginar como seriam esses jardins, o poema quinhentista assinado por António de Cabedo oferece-nos uma descrição viva e apaixonada, onde não faltam pormenores sobre os lagos e as fontes, o exotismo da vegetação ou a presença de enormes gaiolas para abrigar aves de todas as espécies.

Poema Fontellum. In COUTO, Aires Pereira - Fontelo: subsídios para a sua história. Viseu, Câmara Municipal de Viseu, 1991, p. 44 a 49.

«Não foi a ornamentação deste lugar o resultado da opulência duma fortuna privada, mas sim de uma série de muitos pontífices em longa sucessão. Pela arte e pelo engenho superou o notável Miguel da Silva todos estes e construiu, com inúmeras ajudas, uma soberba residência de campo. (...)

Todas estas terras estão tão cheias de coisas, tudo é produzido por toda a parte. Ai encontrarás o que mais te agrade, quer seja apanhar ar puro quer seja colher flores odoríferas. Nem o fértil Etna, o Etna pai das flores, nem a Ática, terra do doce Himeto, nem aquela região que está colocada debaixo do Vesúvio Ausónio te poderão proporcionar um maior número. Aqui, pelos prados, há violetas pálidas e rosas purpúreas com o sangue Cíprio; noutro lado florescem arandos negros misturados com ligustros víneos. Noutro lado ergue-se a delicada manjerona e os lírios nunca de tantas cores variados (...).

Quão grande é a honra do trabalho, os rebentos crescem com tanta formosura, a terra está toda cheia de flores e de ervas, os campos bem cultivados e com produção variada exuberam. (...)

Os séculos vindouros mal acreditarão, os descendentes que vierem mais tarde mal poderão justificar aquelas coisas verdadeiramente admiráveis e que estão para lá da grande capacidade do engenho humano. Embora a mente, até agora confundida com o encanto do lugar, não fique de novo perplexa, e ela própria revise o que ela pensa ter visitado, agrada-lhe ter visto tantas colinas saídas de uma só colina, donde e para ti, como glória perene, foi escolhido para a eternidade dos séculos o nome Fontelo. (...)

Noutro lado admirarás os cantos das aves e uma gaiola capaz de guardar todos os seres alados. Em nenhuma outra parte em todo o Orbe, tanta liberdade de vaguear foi dada às aves. Uma aquece debaixo das asas os filhos ainda sem penas, outra constrói o ninho e a casa; uma, viúva triste, suspira pelos doces amores e lamenta o companheiro desaparecido; outra, receosa, evita o macho atrevido e afasta-se quando ele a segue e, brincalhona, engana-o com rápidos voos. (...)

Quando tiveres visto, com custo, todas as espécies, dificilmente poderás enumerar os nomes de todas, nem são tantas as ondas que se revolvem no mar Jónio (...).

Na verdade seria uma longa descrição enumerar todas as coisas, quer a grande velhice dos bosques, quer os átrios que igualam as torres dos reis ou o hipódromo que, plantado de numerosas árvores ordenadas, oferece agradáveis sombras aos que correm.»

Ponto 2.
Por favor,
segue a
Linha
Vermelha
 (Cristina
 Ataíde,
 2018)



Alguns trabalhos artísticos não se limitam a existir num determinado espaço físico: apresentam uma relação de tão grande cumplicidade com o meio envolvente que, por momentos, quase nos fazem acreditar que ali nasceram e cresceram de forma natural. Um exemplo paradigmático pode ser encontrado nesta instalação de Cristina Ataíde, batizada com o sugestivo nome de *Por favor, segue a Linha Vermelha*.

Habituada a trabalhar com o tema da Natureza, a autora portuguesa confidenciou que, assim que descobriu esta imponente formação rochosa no seio do parque do Fontelo, decidiu de imediato que haveria de trabalhar com/sobre ela. O passo seguinte foi envolvê-la totalmente com fitas de cor vermelha; fitas que parecem brotar do chão e abraçar com carinho a fraga majestosa.

Terminado o envolvimento da pedra, as fitas vermelhas estendem-se depois pelo espaço em redor, criando uma espécie de desenho tridimensional que os visitantes devem seguir e explorar.

Desta forma, para além de interagir com o meio natural circundante, esta obra procura ao mesmo tempo interagir com o público. As mensagens que se encontram gravadas ao longo da precinta - abraça uma árvore; procura a doninha; joga às escondidas; caminha descalço no parque; diz um poema; sobe a colina e vê a cidade - são convites que incentivam o espectador a descobrir aquele espaço do Fontelo e a experimentar novos comportamentos.

Sobre a obra

Título

Por favor, segue a
 Linha Vermelha

Ano
 2018

Materiais

Precinta
 Tinta
 Metal

Dimensões

1300 m (comprimento
 total da precinta)

Sobre Cristina Ataíde

- Nasceu em Viseu, no ano de 1951.
- Licenciou-se em Escultura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa.
- Frequentou o curso de Design de Equipamento, na mesma instituição de ensino.
- Foi diretora de produção de Escultura e Design da *Made In*, Alenquer, entre os anos de 1987 e 1996.
- Desempenhou o cargo de professora convidada na Universidade Lusófona, em Lisboa, de 1997 a 2012.
- Expondo com regularidade desde 1984, Cristina Ataíde é representada por diversas galerias, nomeadamente Belo-Galsterer (Lisboa), Magda Bellotti (Madrid), Andrea Rehder (São Paulo), Ybakatu (Curitiba) e The Shed Space (Nova Iorque).
- A sua produção artística transita entre a escultura, o desenho, a fotografia e o vídeo.

Ponto 3.

Jardim das Cenas Emolduradas

(Neeraj Bhatia, 2018)



O *Jardim das Cenas Emolduradas* é uma obra de grandes dimensões, projetada pelo artista canadiano Neeraj Bhatia e pela equipa do atelier *The Open Workshop*. Encontra-se erguida numa encruzilhada da Mata do Fontelo, resultando tal localização de uma vontade previamente assumida pelos autores. Ao escolher uma encruzilhada na qual muitas pessoas costumassem circular, era-lhes possível lançar o desafio de transformar aquele espaço de trânsito num lugar diferente: um lugar de paragem, de encontro, de reunião e de contemplação.

Esta criação artística é constituída por três elementos autónomos que, conjugados entre si, desenham uma planta triangular (em tudo semelhante à planta do local onde a mesma se apresenta instalada) e formam uma praça central vazia. A geometria externa do triângulo remete para os trilhos do Fontelo, ao passo que a zona central interna apela à entrada dos visitantes e emoldura uma mise-en-scène de performance colaborativa.

As janelas rasgadas nos alçados da estrutura procuram alcançar dois objetivos em simultâneo. O primeiro: trazer a paisagem envolvente para dentro da própria peça, numa clara alusão às pinturas de Grão Vasco. De facto, o artista Neeraj Bhatia não escondeu a sua admiração pela técnica do velho mestre português, em particular pela sua capacidade de criar cenas complementares que, mesmo estando em planos secundários, pareciam integrar-se perfeitamente na composição principal. Quanto ao segundo objetivo, consistia em oferecer ao público a possibilidade de observar a natureza circundante sob novas perspetivas. No fundo, é o aproveitamento da Arte enquanto meio de redescobrir e de reinterpretar a realidade que nos rodeia, aperfeiçoando a nossa perceção sobre um lugar, um parque e uma cidade que pensávamos já conhecer bem.

Sobre a obra

Título

Jardim das Cenas Emolduradas

Ano

2018

Autoria

The Open Workshop (cuja equipa é constituída por Neeraj Bhatia, Jared Clifton, Shawn Komlos, Hayfa Al-Gwaiz)

Materiais

Madeira, aço, acabamento de betão

Dimensões

13x10m

Sobre Neeraj Bhatia

- Natural de Toronto.

- Possui um mestrado em Arquitetura e Urbanismo (Massachusetts Institute of Technology), um bacharelato em Estudos Ambientais, e outro em Arquitetura (University of Waterloo).

- Fundou o *The Open Workshop* no ano de 2013, um atelier de urbanismo arquitetónico que se foca na relação entre forma e território. Em 2016, o *The Open Workshop* recebeu os prémios Architectural League Young Architects Prize, e Emerging Leaders Award (DesignIntelligence).

- É coeditor das publicações Bracket [Takes Action], The Petropolis of Tomorrow, Bracket [Goes Soft], Arium: Weather + Architecture... e coautor de Pamphlet Architecture 30: Coupling - Strategies for Infrastructural Opportunism.

- Atualmente é Professor Assistente no California College of the Arts, onde igualmente assume o cargo de codiretor do laboratório de investigação em urbanismo (The Urban Works Agency). Anteriormente lecionou nas Universidades de Cornell, Rice e Toronto.

Ponto 4.
14.000
Newtons
 (Pedro Pires,
 2018)



A arte contemporânea não se esgota inteiramente nas preocupações de caráter estético. Muitas vezes, a essência de uma obra encerra questões de grande complexidade conceptual, alertando para a existência de distúrbios políticos, sociais, económicos e morais... e estimulando um indispensável debate em torno desses temas polémicos. A criação escultórica do artista Pedro Pires, aqui presente com o título de 14.000 Newtons, enquadra-se perfeitamente na ideia atrás enunciada.

Constituída por 140 coletes salva-vidas, metodicamente aplicados sobre uma estrutura de metal, esta é uma daquelas obras que não passa despercebida. Por um lado, porque a sua cor laranja fluorescente cria um inevitável contraste com a vegetação verde envolvente; por outro, porque a sua configuração em forma de caveira (uma caveira com 2,5 metros de altura) prende a atenção do espectador e obriga-o a questionar sobre qual será a mensagem que ali estará subjacente. Convém explicar que esta escultura se enquadra num projeto que o artista tem vindo a desenvolver desde 2016 sobre o tema das migrações. Depois de ter feito uma viagem à ilha de Lesbos (Grécia), onde trabalhou como voluntário numa organização não governamental de apoio às embarcações que chegavam com refugiados/migrantes, Pedro Pires quis criar em Viseu um espaço de discussão sobre este terrível flagelo que, perante a passividade de muitos, tem transformado o mar mediterrâneo num verdadeiro cemitério.

Para além do simbolismo evidente dos coletes salva-vidas, o autor fez questão de sublinhar que a peça conta ainda com alguns pedaços de borracha preta, aplicados nas cavidades oculares. Essa borracha havia sido recolhida na ilha de Lesbos e fazia parte de uma embarcação resgatada.

Sobre a obra

Título

14.000 Newtons

Ano

2018

Materiais

Ferro

Coletes salva-vidas

Borracha

Dimensões

257 x 237 x 394 cm

Sobre Pedro Pires

- Nasceu em Luanda, no ano de 1978.

- Licenciou-se em Escultura no ano de 2005, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

- Possui um mestrado em Artes Visuais, atribuído pelo Central Saint Martins College of Design (Londres).

- Ao longo da sua carreira teve a oportunidade de expor os seus trabalhos em locais tão distintos como: Musée des Beaux-Arts (Montreal), Somerset House (Londres), Grand Palais - ArtParis Art Fair (Paris), Gallery Momo (Joanesburgo e Cidade do Cabo), Arsenale di Venezia (Veneza), ELA - Espaço Luanda Arte (Luanda), PS Art Space (Perth), Quinta da Cruz (Viseu), Galeria Arte Periférica (Lisboa), entre outros.

- Explorando técnicas distintas e recorrendo a materiais/objetos muitas vezes retirados do quotidiano, Pedro Pires faz questão de explorar no seu trabalho questões sobre a identidade, sobre a História, sobre a realidade político-social, e sobre outros assuntos pertinentes, que digam sobretudo respeito a Portugal e Angola, Europa e África.

Ponto 5. Fontelo: o triunfo da Natureza

A Mata do Fontelo é um lugar muito especial. Em virtude da sua extensão, da imensa biodiversidade que alberga e da própria localização no interior do perímetro urbano... podemos afirmar sem rodeios que se trata do maior pulmão verde da cidade de Viseu, em muito contribuindo para a qualidade de vida de todos os seus habitantes.

Perante os distúrbios ambientais que diariamente se sucedem e se agravam (envenenamento dos oceanos, poluição atmosférica, destruição dos ecossistemas...), torna-se obrigatório apelar à preservação de espaços como o Fontelo. Autarcas e cidadãos, professores e alunos, jovens e seniores... todos devem comprometer-se com esta nobre causa ecológica, para que nunca mais se escrevam textos como aquele que o Notícias de Viseu publicou no dia 6 de janeiro de 1924:

FIGUEIREDO, Severo de. In *Notícias de Viseu*, 6/1/1924, p. 2

«Fontelo, há muito votado ao abandono, onde se não limpa uma rua, onde não se replanta uma árvore, onde não se cuida do arvoredo, está entregue ao prazer dos carvoeiros e salteadores.

Acabam de ser vendidas vinte e cinco das árvores mais anosas, mais soberbas, mais majestosas da mata. Daqui a um mês, passar-se-hão a almoeda outras tantas, e depois outras e outras... (...)

Eu não sei se todos os meus patrícios se emocionam ou sensibilizam diante dum venerando tronco, enrugado, áspero, coberto de hera?

Eu não sei se toda a gente se descobre com respeito ante uma carvalheira velhíssima ou um castanheiro secular... Para mim uma velha relíquia vegetal é sempre um impressionante tema de beleza, um sensibilizante relicário de humanismo.

No mistério fecundo das raízes, na atitude patriarcal dos troncos, na benção rumorosa das ramadas, quanto equivalente humano em sofrimento e beleza. A árvore é sempre fruto, abrigo, sombra; por outras palavras: é sempre Amor, Beleza, Paz.

Compreende-se o ódio do homem ao homem; não se compreende o ódio do homem à árvore. E, entretanto, ele existe vivo, bárbaro, inexplicável. É o ódio instintivo e formidável dos incultos a todas as expressões vivas de beleza. A responsabilidade do atentado não é de ninguém porque é de nós todos. (...) Se nas nossas escolas se ensinasse o culto da Arte, da Beleza, se as gerações se preparassem em plena luz, em pleno ar, em plena Beleza, já tamanhos descatos seriam impossíveis. Infelizmente ainda nas nossas escolas se não ensina a amar a árvore, corrigindo nas crianças as instintivas tendências destruidoras.

Gente da minha terra: não permiti que a obra infame do machado do lenheiro se complete. É preciso pôr cobro a esta obra de destruição e de morte. Não deixar que velhíssimas relíquias, magestosos exemplares, venerandos de vetustez, impressionantes de beleza, sejam reduzidos a carvão. A ancestralidade destes gigantes reclama outra sorte, outro destino. (...) Se lhe não acudis, Fontelo será, em breve, uma charneca, um descampado.»

Enquanto se percorrem os trilhos do Fontelo, é fácil ficar deslumbrado com a grande quantidade de espécies animais e vegetais que habitam aquele ecossistema.

Relativamente à fauna, é possível salientar uma grande diversidade de aves, que ali procuram um lugar de refúgio, nidificação e alimentação. Mas não podemos esquecer também a presença de répteis, insetos e pequenos mamíferos, tais como morcegos e esquilos.

No que toca à biodiversidade florística, o destaque recai de imediato sobre as majestosas e ancestrais árvores que se erguem por todo o lado,



e que constituem uma parte importante do património natural de Viseu. Sobre essa assunto, as biólogas Ruth Pereira, Lísia Lopes e Rosa Pinho redigiram a seguinte sùmula:

PEREIRA, Ruth; LOPES, Lísia; PINHO, Rosa - Património histórico e botânico do Fontelo. Viseu. Câmara Municipal de Viseu, 2006, p. 32 a 36.

«A cidade de Viseu pode orgulhar-se de ser uma das cidades mais arborizadas do país, possuindo jardins e parques públicos com importantes colecções dendrológicas e artérias citadinas com abundante vegetação. Existem em Viseu dois Parques, que possuem uma elevada biodiversidade vegetal, são eles o Parque Municipal do Fontelo e o Parque Aquilino Ribeiro. (...)

O Parque Municipal do Fontelo, com cerca de 10 ha de área e 2300 m de perímetro está localizado a Nordeste, do centro da cidade de Viseu, sendo a sua flora de grande importância pela elevada dominância de espécies autóctones. (...)

Este Parque é sem dúvida uma referência botânica, não só localmente, como no país, constituindo um valioso património natural, uma vez que possui uma apreciável colecção dendrológica, onde podemos encontrar árvores que se distinguem pelo seu porte ou desenho, idade ou raridade, e onde existem retalhos da vegetação espontânea da floresta primitiva portuguesa. (...)

No Parque Municipal do Fontelo podemos encontrar relíquias da Laurissilva, como o azereiro, planta que já foi muito comum no nosso país, e que actualmente se vê reduzida a núcleos que ocorrem nos vales mais protegidos das agruras do Inverno. (...) Pelas dimensões que apresentam tudo leva a crer que os exemplares presentes na mata do Fontelo sejam espontâneos. Outras espécies de folhagem persistente presentes na mata são o folhado e o medronheiro, com diversos exemplares espalhados pela mata e de portes consideráveis, o que reflecte uma propecta idade. Mas as espécies arbóreas mais abundantes na mata do Fontelo são sem dúvida os carvalhos, espécies da Fagosilva. (...) Outras espécies da Fagosilva existentes na mata são o castanheiro e a faia, que conta com um número considerável de exemplares. O azevinho é uma das árvores autóctones existente no parque e que era frequente nas florestas da zona atlântica de Portugal. (...)

Podemos ainda encontrar na mata do Fontelo espécies autóctones como o loureiro, o pinheiro-manso, o freixo, o plátano-bastardo, entre outras. Esta profusão de espécies autóctones, algumas notáveis, faz com que o Parque do Fontelo esteja muito além de um mero jardim da cidade. No entanto, também podemos encontrar uma flora alóctone diversificada, como por exemplo: a sequóia, a pseudotsuga, o cedro-do-atlas, o cedro-do-himalaia, o cedro-do-buçaco, o cedro-do-japão, o cipreste-da-califórnia, o cipreste-de-lawson, as tílias, o plátano, o espruce-europeu, o louro-cerejo, a acácia-bastarda, a acácia-mimosa, o tulipeiro-da-virgínia, entre outras.»

Ficha técnica

www.poldra.com

www.pedropires.pt

www.theopenworkshop.ca

www.cristinaataíde.com

Conceção

João Dias

Organização

Prominentchance

Produção & Gestão do Projeto

João Dias (Direção Artística e Coordenação Geral)

Rui Macário (Programação e Coordenação de Conteúdos)

Luís Belo (Comunicação e Design)

Equipa Técnica

Inês Ferreira (Assistência Técnica)

Rúben Marques (Conteúdos Históricos e Circuitos)

Comissão Consultiva

Cristina Ataíde

Emília Ferreira

Laura Castro

Stella Ioannou

APOIO

FINANCIAMENTO

PARCEIROS

APOIO TÉCNICO



VISEU

